

A TRAJETÓRIA EDITORIAL DA OBRA DE GABRIEL SOARES DE SOUSA: ASPECTOS LINGUÍSTICOS E FILOLÓGICOS

Bruna Baldini de MIRANDA¹

RESUMO: O ponto de partida para esta proposta de trabalho foi a observação da rara e incomum trajetória da história editorial da obra de Gabriel Soares de Sousa, composta no século XVI e impressa apenas cerca de 250 anos mais tarde. G. S. de Sousa escreveu duas crônicas sobre o território que ocupava como colono no Nordeste brasileiro: *Roteiro Geral com Largas Informações de toda a Costa do Brasil* e *Memorial e Declaração das Grandezas da Bahia de Todos os Santos, de sua fertilidade, e das notáveis partes que tem*. Esses manuscritos foram apresentados em 1587 sob a forma de um tratado intitulado *Notícia do Brasil*. Somente em 1851 o texto seria impresso, em uma edição comentada e analisada por F. A. Varnhagen, sob o título *Tratado Descritivo do Brasil de 1587*. Este artigo procura levantar algumas hipóteses para explorar algumas diferenças encontradas nos textos, bem como apontar alguns trechos peculiares dignos de uma análise mais aprofundada.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Histórica. Filologia. Crônica.

Introdução

Este artigo se propõe a apresentar os resultados iniciais do cotejo entre o manuscrito original e as edições impressas póstumas de uma importante obra

¹ Membro-assessor do GP Humanidades Digitais, mestranda do Programa de Filologia e Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. brubmir@yahoo.com.br

da historiografia portuguesa, com o objetivo de investigar as diferenças linguísticas entre os dois textos. Trata-se das duas versões da obra de Gabriel Soares de Sousa (ca. 1540-1591), composta em 1587 sob o título *Notícia do Brasil*, e publicada em 1851 e 1879 sob o título *Tratado Descritivo do Brasil de 1587*, em edição de F. A. Varnhagen. A partir daí se construirá uma base de dados com as variantes linguísticas encontradas, favorecendo futuros trabalhos de análise.

A transcrição inicial, que partiu do cotejo dos 18 primeiros fôlios com as duas edições póstumas organizadas por Varnhagen, lançou as bases para uma pesquisa que se desenvolveu no sentido de estabelecer uma metodologia para identificar aspectos e problemas relevantes em âmbitos interdisciplinares: filológico, linguístico e historiográfico, de modo que um outro objetivo se delineou: concatenar e alinhar esses diferentes vieses.

Considerando que o resultado obtido com o presente trabalho irá compor os fundamentos basilares para uma futura edição crítica, este artigo se propõe a apresentar justamente a análise em relação ao emprego de diferentes grafias e itens lexicais na cópia considerada como original e as edições póstumas, com o intuito de propor uma reflexão acerca da fidelidade da obra e dos possíveis desdobramentos que esses aspectos apresentarão em futuros trabalhos de uma possível edição crítica.

Para tanto, o produto central imediato desse projeto será uma edição eletrônica do texto de Gabriel Soares de Sousa, construída de acordo com a metodologia do Sistema de Edições Eletrônicas do Corpus Tycho Brahe (PAIXÃO DE SOUSA, 2007²). Esse sistema permite a produção de um glossário sistemático de contrastes entre diferentes versões de um texto, assim será produzida uma base de dados eletrônica com os contrastes na linguagem e na ortografia das duas edições do texto de Gabriel Soares de Sousa (doravante, GSS). Em particular, o quadro dos contrastes linguísticos poderá ser um primeiro passo para a investigação das modificações sofridas pelo texto do século XVI em uma edição oitocentista.

2 Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/manual/prep/manual_frameset.html>.

Preâmbulo sobre o autor e o editor

Antes de iniciar as considerações sobre o texto da crônica e suas duas edições impressas póstumas, é necessário tecer algumas considerações que compõem a escrita desse manuscrito. Pensando detidamente em suas condições de produção, duas figuras se delineiam: o autor e o editor. Sobre eles é interessante pontuar alguns aspectos.

Gabriel Soares de Sousa, autor da crônica, fez parte da 1ª escrita colonial juntamente com Fernão Cardim, Ambrósio Fernandes Brandão e Frei Vicente do Salvador. Ainda que não existam muitas e precisas informações sobre o autor em questão, o que se sabe é que chegou ao Brasil aproximadamente em 1569. Acredita-se que, das três embarcações que seguiam de Portugal para as Índias, uma cumpriu o trajeto, a outra retornou a Portugal e aquela em que estava o autor se perdeu e foi aportar na Bahia; depois de reabastecer retomou o trajeto, mas curiosamente GSS não prossegue na viagem, permanecendo no Brasil. Ao longo de sua vida se torna senhor de engenho, vereador e grande proprietário. No decorrer dos 17 anos em que aqui viveu, escreve os dois textos que irão compor *Notícia do Brasil* (texto-base para compor o *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*): 1º) *Roteiro Geral com largas informações de toda a Costa do Brasil* e 2º) *Memorial e Declaração das Grandezas da Bahia de Todos os Santos, de sua fertilidade e das notáveis partes que tem*.

Nesse preâmbulo, a outra personagem igualmente importante é F.A. Varnhagen (um dos nomes que se configura como verdadeira referência na historiografia brasileira, um dos primeiros indigenistas de que se tem notícia, membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro – IHGB), que se utilizou dos escritos de GSS para construir uma memória para o recém-independente Brasil. E aqui surge um interessante paralelo: GSS começou a escrever sua obra nos idos dos 1500 (aproximadamente 20 a 30 anos depois que o Brasil foi descoberto) e Varnhagen publica a primeira edição em 1851, também no mesmo século em que o Brasil se torna independente. De maneira que inves-

tigar a trajetória dessa importante obra pode esclarecer relevantes aspectos da sociedade e da cultura de ambas as épocas.

Língua portuguesa

Nesse ponto se fazem necessárias algumas considerações acerca das mudanças ocorridas nessa língua. Não nos podemos esquecer que, à medida que as Grandes Navegações avançavam, levavam consigo a língua portuguesa, de modo que é necessário considerar e analisar suas características no próprio objeto de estudo em si. Essa análise se mostra relevante, pois elucida questões de fidelidade em relação às duas edições impressas. Pensando na conhecida citação de Duarte Nunes de Lião: “Da mudança que as lingoas fazem per discurso de tempo: Assi como em todas as cousas humanas ha continua mudança & alteração, assi he tambem nas lingoages” (LIÃO apud PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 14), percebe-se que se faz mister determinar e analisar como essas diferenças se processaram. É necessário considerar também que o século XIX estabelece parentescos e situa as línguas românicas como oriundas de um mesmo contexto. É nesse bojo que as diferenças nas edições são exploradas.

Ainda da mesma autora, outra esclarecedora citação revela um outro interessante ponto de análise:

Esta perspectiva implica num pressuposto forte: o de que as línguas naturalmente mudam com o tempo. Ou seja: na tradição genética, qualquer língua, em qualquer contexto (espacial, temporal, social), sofre e sofrerá necessariamente mudanças. Esta reflexão concebe portanto a mudança como processo internamente motivado: as línguas *engendram sua própria evolução*. (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 17)

Esse é um aspecto central na análise da trajetória editorial, pois as mudanças acontecem em vários planos, como por exemplo as mudanças fonéticas, que claramente não são o foco do presente trabalho, contudo evidentemente ocorrem. No entanto, também ocorrem mudanças no plano da escrita; para essas mudanças a filologia se compromete a estudar e definir, delimitar suas

esferas de ação. A última sentença dessa citação é especialmente verdadeira se formos pensar que o real e concreto espalhamento da língua portuguesa no continente americano foi o responsável pelas adaptações lexicais e pelos americanismos léxicos observados na transcrição desse manuscrito. Sobre as crônicas é relevante dizer que, de maneira geral, evidenciam esse potencial de transformação e mudança das línguas porque revelam como diferentes realidades se aproximam, a plasticidade ou não dos vocábulos para darem conta de diferentes contextos, a ação no tempo e no espaço do potencial de comunicar conteúdos e fatos em um determinado tempo-espaço estabelecido. Aqui se tangenciam evidentemente os conteúdos transmitidos e a memória que deles se formou. Enquanto relato documental, as crônicas são o instrumento pelo qual esses conhecimentos se disseminam. Revelam ainda que havia circulação de ideias e de conhecimento em épocas difíceis de se determinar tais movimentos.

É relevante considerar que essa crônica é a prova concreta dos estágios iniciais do contato entre as línguas da época e, por conseguinte, das mudanças que esses contatos obrigatoriamente trariam em ambas as direções, ainda que o termo “ambas” esteja sendo utilizado de maneira simplificada, pois sabe-se que o “europeu” que chegou não representava uma identidade homogênea e única, e também não o eram os nativos aqui encontrados.

Considerando tudo o que foi exposto até o momento, é possível concluir que as crônicas erigem o constructo da variante escrita da língua, conforme Paixão de Sousa (2006): “A documentação possível sobre o passado das línguas chegou até nós através da escrita”, ou seja, essa citação ilustra muito bem a importância das crônicas nos estudos que têm como objetivo investigar as mudanças e as transformações pelas quais passaram as línguas. Contudo é importante não esquecer, no caso do presente trabalho, que tais mudanças são passíveis de análise devido exclusivamente ao fato de estarem retratadas nos textos das crônicas, os quais, por sua vez, se constituem como documentos oficiais para o estudo de uma língua.

Não se pode deixar de considerar como ponto-chave para explorar a trajetória editorial a seguinte citação do mesmo texto da mesma autora:

Ora, esses registros representam um fragmento dos acontecimentos. Mais que isso: um fragmento daquilo que um determinado contexto histórico julgou relevante registrar; que um segundo momento histórico julgou importante preservar; e que um terceiro momento histórico considerou pertinente examinar. (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 36)

Essa citação é o cerne dos aspectos evidenciados pela trajetória editorial de uma determinada obra em questão. Esse ponto se coloca como central para evidenciar o trabalho empreendido por Varnhagen nas etapas de estabelecimento de texto e atribuição da autoria ao manuscrito em questão. Em termos práticos, isso significa que, no século XIX, o recém-independente Brasil se depara com a necessidade de ter um passado para contar e de ter uma tradição a qual perpetuar. Justamente nesse momento é facilmente perceptível ser indispensável resgatar todo o universo que as crônicas traziam em seu bojo. Sendo desafiadores os processos de determinar datação, autoria, modernização da grafia e das estruturas sintáticas, estas últimas tão áridas para os leitores modernos. Não é fastidioso lembrar que todas essas etapas foram ultrapassadas por Varnhagen, cuja contestação da autoria do manuscrito jamais ocorreu. Varnhagen chegou a corrigir a autoria erroneamente atribuída a Francisco da Cunha (AZEVEDO, 2007).

Dificilmente todo esse trabalho poderia ser feito sem que se considerassem possíveis termos absorvidos pela língua portuguesa, e uma vez que se conhece seu extenso histórico de contatos estrangeiros torna-se evidente perceber que a crônica estudada traz muito fortemente esta questão; conforme corrobora Piel (1989) – considerando o grande palimpsesto que se mostrou a Língua Portuguesa no período das Grandes Navegações – do Brasil seriam provindos dois termos: ‘mandioca’ e ‘tapioca’, sendo que estes se encontram na referida crônica de Gabriel Soares de Sousa.

É muito importante frisar que a crônica em questão não representa o contato ocorrido entre essas duas realidades, antes representa alguns aspectos

observáveis na língua portuguesa (PAIXÃO DE SOUSA, 2006), ou seja, torna muito nítido que as adaptações lexicais e os americanismos léxicos se configuram também como um exemplo das mudanças sofridas pela língua portuguesa através dos contatos por ela travados.

Sendo assim, o cotejo é o responsável por estabelecer as necessárias conexões entre essas diferentes épocas e se constitui como o cerne de todo o trabalho. De modo que o exame detido da obra de G.S. de Sousa possibilita uma aprofundada análise do léxico dos textos, nos quais se prevê encontrar numerosas palavras de origem indígena que consigam nomear entidades desconhecidas do universo luso-europeu, no contexto da tentativa de explicar um universo tropical aos reis, à corte e à nobreza europeias – que formam o público a que se dirige essa obra. Com isso, delinea-se um intrigante aspecto de interesse para investigações futuras: em que medida e como, no período colonial, a língua portuguesa teria absorvido itens lexicais (incluindo palavras indígenas) para expressar realidades até então nunca vistas? Nesse âmbito do léxico, quais teriam sido as soluções escolhidas para dar conta dessas realidades desconhecidas? Essas são algumas questões de análise linguística que podem vir a ser trabalhadas a partir dos resultados deste trabalho.

De modo que é possível verificar, no próprio texto, exemplos que permitem contextualizar de que maneira foi estruturado e quais conteúdos objetivava compartilhar em determinados contextos. Também é necessário lembrar que esse trabalho mais detido com o texto permite avaliar o grau de fidelidade entre a cópia, considerada como o original, e as duas edições impressas póstumas.

Memorial e Colônia – exemplos e contextualização

Num breve esquema interpretativo acerca do contexto da obra, precisamos considerar que, nos idos de 1500, o Brasil havia sido descoberto. No entanto, por questões políticas e econômicas, apenas entre 1522-32, Portugal envia colonos para explorar as terras “recém-descobertas” (BOXER, 2008 [1969])

e, justamente nesse movimento GSS, colono português no Brasil, escreveu os dois textos que compõem o *corpus* deste trabalho (*Roteiro Geral com largas informações de toda a costa do Brasil e Memorial e Declaração das Grandezas da Bahia de Todos os Santos, de sua fertilidade e das notáveis partes que tem*) e os apresentou juntos à coroa filipina (sob o título *Notícia do Brasil*). É preciso enfatizar que a obra foi entregue a Cristóvão de Moura, uma espécie de intérprete da corte, uma vez que Filipe II não falava português. Há um relevante aspecto que emoldura sua entrega: esse fato ocorre em 1587, ou seja, sete anos após a tomada de Portugal por Espanha. Isso significa que, durante a escrita do texto, muito tempo se passou, tanto que houve uma alteração bastante significativa no governo, com implicações estratégicas e políticas muito importantes, até mesmo decisivas. A questão da língua em que o texto foi concebido se coloca como central no momento da entrega, pois inicialmente, quando começou a ser escrito, o texto se destinaria a um vindouro monarca português e, no momento da entrega propriamente dita, o texto se destinou a Filipe II. Como o manuscrito em si foi o resultado de aproximadamente 17 anos de levantamento e pesquisa, não poderia ser vertido para o espanhol, pois era composto de uma enormidade de páginas manuscritas, o que para a época representava um enorme esforço.

Considerando todo o contexto da entrega, a justaposição de algumas circunstâncias podem ser bastante reveladoras. Vejamos: o texto destinava-se a um determinado rei, foi entregue a um outro, que não dominava a língua em que o texto estava escrito, e coube ao intérprete, Cristóvão de Moura, a quem a epístola que encabeça o manuscrito foi dirigida, receber a obra. Entendo que a união de três perspectivas fulcrais possa ter calado a voz de GSS: 1) o fato crucial das línguas de escrita e recepção; 2) o texto continha informações extremamente sigilosas e estratégicas, e claramente o objetivo no séc. XVI não era fazê-las circular; 3) a Espanha estava envolvida em conquista de territórios no próprio continente europeu, diferentemente de Portugal, que se lança ao ultramar.

Unidas, essas três perspectivas acima podem revelar algumas das razões do lapso de 250 anos da publicação do texto. É importante pontuar que, quanto maior a distância entre a escrita de um texto e sua publicação, mais profundas e numerosas são as intervenções em sua estrutura.

De modo que, passando ao trabalho de cotejo propriamente dito, constataram-se algumas variações:

| GSS | Varnhagen | |
|--------------------------------------|--------------------------------------|-----------|
| eomais estado do Brasil | e demais Estados do Brasil | (carta 2) |
| mandarprouer | mandar prover | (carta 3) |
| Erepartir aterra della e~ Capitánias | e repartir a terra dela por capitães | (carta 6) |

É interessante focar a primeira e a terceira trocas, que não foram efetuadas aleatoriamente, antes se configuram como uma prova e uma constatação de que se tentou promover o esquecimento do período em que ocorreu a monarquia dual na construção de uma memória nacional para o Brasil. Ao longo do manuscrito pode-se perceber uma série de trocas de termos e, partindo-se do princípio da fidelidade do texto, essas trocas precisam ser pontualmente avaliadas. É necessário rastreá-las e compará-las ao longo do texto, ou seja, é necessário chegar ao fim da transcrição para se estabelecerem e se identificarem no próprio texto, enquanto constructo cultural, os desdobramentos dessas referidas trocas.

Examinando a primeira substituição – GSS “eomais estado do Brasil” e Varnhagen “e demais Estados do Brasil”: claramente, nessa troca, Varnhagen atualiza a passagem e faz menção a um Brasil moderno, com estados da federação, no qual as fronteiras são conhecidas e demarcadas; já GSS faz menção à totalidade daquele território parcialmente inexplorado, sob determinados aspectos desconhecido e no qual as fronteiras ainda vão passar por um processo de delimitação.

Mais curioso ainda é a terceira substituição – GSS “Erepartir aterra della e~ Capitánias” e Varnhagen “e repartir a terra dela por capitães”. Essa troca também não foi aleatória e é, por si só, especialmente inquietante, uma

vez que é um reconhecido fato da História do Brasil que seu território foi dividido em propriedades.

Nesse ponto é importante assinalar que é necessário um trabalho mais aprofundado sobre os condicionantes culturais da época para examinar mais detidamente as trocas, mas de toda forma é possível perceber que a História e a Historiografia se constituem como fontes valiosas para estabelecer comparações e obter novas perspectivas.

Identifica-se, justamente nessas trocas de termos, um ponto de articulação com disciplinas dos campos da Filologia e da História, pois do ponto de vista editorial essas trocas constituem uma opção do organizador – Varnhagen – e somente estudando os processos e os movimentos do Período Colonial é possível determinar as possíveis razões dessas novas opções. Muitos podem pensar que uma simplória troca de termos não tenha nenhum propósito, entretanto, uma vez que Varnhagen fará parte da primeira geração de uma elite intelectual responsável por construir uma memória nacional para o Brasil, país que almejava o *status* de nação, como foi dito anteriormente, evidentemente é muito relevante estabelecer, e até mesmo sugerir hipóteses, para a estruturação desse constructo cultural por ele engendrado.

Sob uma determinada perspectiva política se identifica o epicentro da questão editorial inerente ao manuscrito: as informações extremamente sigilosas que continha não deveriam circular, pois simbolizavam, no limite, as tão almejadas riquezas potenciais que propiciariam a continuidade das conquistas intercontinentais e ultramarinas, por isso não se encontra na literatura hipóteses sobre o destino dos originais; pode-se identificar nesse fato uma das causas para o lapso de 250 anos para sua publicação. Paralelamente a isso, o Brasil, no período da colonização com as consequências e os desdobramentos há muito conhecidos, sempre teve inquietações quanto à sua origem, quanto à formação da população, quanto ao ideário nacional, em

suma quanto à sua própria identidade enquanto nação. É necessário dizer que também compõe o manuscrito a Epístola destinada e entregue a D. Cristóvão de Moura, que não consta das edições póstumas de Varnhagen, justamente pelo fato de Portugal se encontrar sob domínio espanhol na época em que o manuscrito foi escrito e principalmente na data da entrega: março de 1587, conforme Luciani (2010) e Azevedo (2007).

Como o texto contém tantos exemplos a serem explorados, nesse momento se faz necessário iniciar uma análise um pouco mais detida do texto em si, com o objetivo de refletir sobre como foi estruturado e quais conteúdos pretendeu publicar.

Com o intuito de aproximar e revelar significados restritos a determinados círculos, esta seção pretende apresentar uma série de exemplos extraídos do texto estudado objetivando alcançar leitores modernos. Ainda que o objeto de estudo e discussão seja a língua portuguesa, não se pode ignorar o fato do distanciamento da variedade antiga para a moderna. Esse fato afasta e cerceia, para o leitor moderno, a total compreensão do conteúdo e das ideias contidas no texto. De modo que, para ilustrar essa perspectiva, foram selecionados alguns trechos no texto de GSS que são sucintamente explicados.

De suma importância é a contextualização da obra partindo do próprio texto em questão, com o intuito de apresentar possíveis aspectos do trabalho filológico mais detido com o texto. Evidentemente, em uma pesquisa filológica, a busca por informações históricas e historiográficas chega a ser demasiadamente profunda em alguns momentos, no entanto, o centro da pesquisa são o texto e as verdades intrínsecas que carrega em seu bojo, conforme dito anteriormente. De modo que não existe uma melhor forma de se trabalhar toda a problemática envolvida em sua concepção a não ser explorando fatualmente em seus próprios trechos aspectos correntes na literatura especializada na área.

Outros aspectos que saltam à vista são: a estruturação, a ortografia e a sintaxe próprias aos textos do século XVI. Parece adequado afirmar que existe profundo afastamento, sobretudo no campo da sintaxe, ou seja, a sintaxe dessa época se configura como demasiadamente árida para que, numa primeira e desavisada leitura, se apreendam todas as suas especificidades e todo o seu conteúdo.

É também adequado pontuar que o texto conta com uma ímpar riqueza de detalhes e minúcias, certamente fruto de um longo trabalho de coleta e observação. No entanto, é possível suspeitar de uma espécie de circulação de informações de que o autor fazia parte, ou no limite, usufruía, para que pudesse narrar com tanta riqueza de detalhes todos os inúmeros aspectos que abordou: inicia a primeira parte falando sobre os descobridores, depois passa a dissertar sobre a geografia, narra os costumes e as peculiaridades do gentio (em suas diversas subdivisões), passando pelos mantimentos provindos da terra, chega a dissertar sobre espécies de animais e de plantas, passando pela organização das capitanias hereditárias. Mais intrigante do que os capítulos que encabeçam e que permeiam o texto de *Notícia do Brasil* são os capítulos finais, que tratam das riquezas e aconselham sobre a proteção do território.

Com base nisso, um questionamento absolutamente lícito referente à formação da tríade escrita/circulação das ideias/memória recairia sobre determinados aspectos filológicos revelados pelo próprio texto; de acordo com a citação:

O texto é a trama: um tapete de vários fios que constroem uma imagem. Mas as imagens não são vistas da mesma forma pelos espectadores, o olhar é quem faz os sentidos e reconstrói os fios. É através deste olhar que se faz presente, individual, único e múltiplo que podemos nos aproximar do legado de Gabriel Soares. (AZEVEDO, 2007, p. 112)

Ou seja, as considerações da autora permitem inferir que, ao explorar os aspectos filológicos do texto, é possível se determinar como essa memória se construiu, quais elementos foram elencados, qual a correlação que se estabelece

entre eles, etc. Um exemplo que ilustra muito bem essa problemática seria a elaboração do mapa sobre as capitanias hereditárias, a qual foi inspirada nos estudos de Varnhagen. De modo que, no caso específico da presente trajetória editorial, a comparação entre o texto original e as edições póstumas sempre revelam importantes aspectos de ambos os períodos em que surgiram.

Ainda sobre essa questão da circulação de conhecimentos e ideias, se faz necessário examinar mais uma citação:

Contudo, o desenvolvimento das pesquisas acerca da cultura escrita no Império português tem nos levado, como vimos anteriormente, à necessidade de ultrapassar as relações entre escrita-leitura-memória formuladas por esses autores [Daniel Roche, Lucien Febvre, Roger Chartier, Peter Burke, Robert Darnton, Carlo Ginzburg e Natalie Z. Davis], já que se trata de um vasto mundo conectado por meio de papéis escritos, raramente fixados na forma impressa, excetuando-se sempre o caso dos jesuítas detentores de uma tecnologia comunicativa altamente sofisticada em função da natureza de sua missão universal civilizadora. (ALGRANTI; MEGIANI, 2009, p. 177)

De maneira irrepreensível essa citação revela que o cenário com que se trabalha em termos de reconstrução de uma trajetória editorial precisa necessariamente ser desvendado, ou seja, todas os detalhes, nuances, dinâmicas, etc. nem sempre são evidentes em uma primeira leitura do texto.

Devido à sua extensão, existe uma verdadeira profusão de exemplos a serem explorados; por questões práticas, elencarei apenas alguns.

Constataram-se no cotejo com as duas edições póstumas de Varnhagen algumas variações ortográficas e algumas informações inquietantes citadas no texto, as quais necessitam de contextualização para que possam ser intrinsecamente apreendidas e compreendidas em nossos tempos atuais.

A partir de agora, vou me propor a elencar e analisar uma série de exemplos:

- (1) Nêstê rio grande achou hũ Diogo paes depernambuquo, lingoa do gentio hũ Castelhano antre os Pitiguoares cõ os beiços furados como elles, ... GSS carta 19

- (2) N´este rio Grande achou Diogo Paes de Pernambuco, lingua do gentio, um Castelhana entre os Pitigoares, c’os beijos furados como elles, V 1851
- (3) N´este rio Grande achou Diogo Paes de Pernambuco, lingua do gentio, um castelhana entre os Pitigoares, com os beijos furados como elles, V 1879

O exemplo proposto ilustra de maneira bem interessante o resultado do trabalho filológico, pois o documento considerado original contém diferenças na grafia em comparação com as duas edições completas. Ainda que sejam consideradas como meras normalizações de suas respectivas épocas, é importante frisar que houve a supressão do item lexical “hũ” antes de “Diogo”, que é um indicativo de que outras alterações possam ter ocorrido. Tais alterações sempre levam a questionamentos quanto à veracidade do texto, até que ponto as alterações limitam e descaracterizam sua genuinidade, uma vez que é sabido que todo processo de cópia ou reprodução de um texto acaba por resultar em alterações estruturais que culminam em comprometer sua fidelidade.

No Capítulo XI – “Em que se declara a costa da baía da Treição ate a Paraíba” na parte um (*Roteiro Geral*), há um caso muito interessante e também muito ilustrativo das dimensões a que chega o manuscrito, sua importância em estabelecer os verdadeiros equivalentes entre topônimos:

Do rio de Camaratibe à Baía da Treição são duas legoas, aqual esta em seis graos e hũ terço, onde ancorão naos françezas e entrão dos aricifes para dentro. Chamase esta Baya pelo gentio Pitigouar Acajutibiró, e os portuguezes da Treição por nela matarẽ hũs poucos de Castelhanos eportuguezes que se nesta costa perderão. (GSS, fólío 22)

É lícito afirmar que, graças ao trabalho filológico feito com o texto, é possível identificar uma correspondência entre diferentes topônimos reconhecidos e nomeados por diferentes grupos sociais: Acajutibiró pelos potiguaras (designação moderna) e Baía da Traição pelos portugueses. Perfeitamente perceptível é o fato de que sem o manuscrito seria muito difícil chegar a tal

nível de detalhamento em relação a esse topônimo, o que afirmo também em relação a outros topônimos presentes ao longo do texto. Finalizo a exposição desse exemplo com a colocação pronominal – “por nela matarẽ hũs poucos de Castelhanos eportuguezes que se nesta costa perderão” – que se configura como demasiadamente arcaica para os falantes modernos. Também nesse caso o trabalho detido com o texto se mostra de vital importância para estabelecer o real sentido.

Outro caso emblemático se encontra no Capítulo VI – “Em que se dá em suma algumas informações que se tem deste rio das Amazonas” também na parte 1 (*Roteiro Geral*):

Edando suas informaço~s ao Emperador Carlos quinto que eſta em gloria lhe ordenou hua~armada de quatro naujos pera cometer eſta empreza, em aqual partio do porto deſaõ lucar com ſua molher , pera hjr pouoar aboca deſte Rjo , e ojr conquis=tando por elle aſima , oque nao~ ouue eſfeito, por na meſma boca do Ryo falleçer eſte Capitaõ deſua doença, Donde ſua molher ſetornou com a meſma armada pera Espanha. (GSS, fólio 10)

Nesta citação percebe-se claramente que o significado da expressão ‘tornar-se’ sofreu uma significativa mudança no período estudado, ainda que em dicionários modernos se encontre a acepção de “regressar, voltar”; mesmo assim esta não é usualmente aplicada, o que pode se configurar como um motivo de falha no entendimento da ideia expressa no texto.

Também na Parte 1 (*Roteiro Geral*) no Capítulo XII – “Em que se trata de como se tornou a cometer a povoação do rio da Parahiba”, há ainda mais um exemplo a ser explorado:

Em os franceſes vendo eſta armada puſeram fogo às ſuas naus e lançaram=ſe com o gentio, com o qual fizeram moſtras de quererem impedir a deſembarcação, o que não lhes ſeruiu de nada, que o general deſembarcou a pé enxuto, ſem lho poderem impedir, e chegou a gente de Pernambuco e Tamaraqua por terra com muitos eſcravos e todos juntos ordenaram um forte de terra e faxina onde ſe recolheram, no qual Diogo Flores deixou cento e tantos homens dos ſeus ſoldados com um capitão para os caudilhar, que ſe chamava Francisco Caſtrejon que ſe amassou tão mal com

Frutuoso Barbosa não o querendo conhecer por governador, que foi forçado a deixá-lo neste forte, só, e ir-se para Pernambuco, de onde se queixou à Sua Majestade para que provesse sobre o caso, como lhe parecesse mais seu serviço. E sendo ausente Frutuoso Barbosa, veio o gentio por algumas vezes afrontar este forte e pô-lo em cerco, o qual sofreu mal o capitão Francisco Castrejon. E, apertado dos trabalhos, desamparou este forte e o largou aos contrários, passando-se por terra à capitania de Tamaracá, que é daí dezoito léguas, e pelo caminho lhe matou o gentio alguma gente que lhe ficou atrás, como foram mulheres e outra gente fraca. (GSS, fôlio 24)

Este trecho permite explorar uma importante perspectiva, até então pouco investigada: o autor, devido ao detalhamento de informações, contou, em certa medida, com uma espécie de circulação de informações, para que pudesse citá-las tão esmiuçadamente. Talvez esse seja um dos mais difíceis aspectos a ser explorado, não obstante seja fulcral para entender o processo de composição do texto *Notícia do Brasil*, de que fontes provinham tão fartas e detalhadas informações.

Ainda na parte um (*Roteiro Geral*), no Capítulo XIX – “Que trata de quem são estes caytes, que foram moradores na costa de Pernambuco”, há dois trechos dignos de nota, conforme segue.

O primeiro trecho ilustra ainda um outro tipo de situação muito comum ao longo do texto:

As embarcações de que este gentio usava eram de uma palha comprida como a das esteiras de tábua que fazem em Santarém, a que eles chamam periperi, a qual palha fazem em molhos muito apertados, com umas varas como vime, a que eles chamam tímós, que são muito brandas e rijas, e com estes molhos atados em umas varas grossas faziam uma feição de embarcações, em que cabiam dez a doze índios, que se remavam muito bem, e nelas guerreavam com os Tupinambas neste rio de São Francisco, e se faziam uns aos outros muito dano. (GSS, fôlios 36 e 37)

Este seria um exemplo de americanismo léxico: “As embarcações de que este gentio usava eram de uma palha comprida como a das esteiras de tábua que fazem em Santarém, a que eles chamam periperi”; ou seja, é feita

uma adaptação lexical para que se consiga explicar e ilustrar, para que leitores distantes e ignorantes de uma determinada realidade possam fazer alguma ideia daquele contexto específico.

O segundo trecho a ser brevemente examinado é o seguinte:

Confederaram-se os topinambas seus vizinhos com os tupinays, pelo sertão, e ajuntaram-se uns com os outros pela banda de cima, de onde os tapuyas também apertavam estes caites, e deram-lhe nas costas, e de tal feição os apertaram, que os fizeram descer todos para baixo, junto do mar, onde os acabaram de desbaratar; e os que não puderam fugir para a serra do Aquetiba não escaparam de mortos ou cativos. Destes cativos iam comendo os vencedores quando queriam fazer suas festas, e venderam deles aos moradores de Pernambuco e aos da Bahia infinidade de escravos a troco de qualquer coisa, ao que iam ordinariamente caravelões de resgate, e todos vinham carregados desta gente, a qual Duarte Coelho de Albuquerque por sua parte acabou de desbaratar. (GSS, fôlio 38)

Neste trecho também se percebe um elevado grau de minúcias que também, conforme supracitado, deve provir de um contexto de circulação de informações, no qual o autor está inserido de uma forma ou de outra.

Ainda na parte 1 (*Roteiro Geral*), no Capítulo XX – “Que trata da grandeza do rio de São Francisco e seu nascimento”, também há dois trechos que valem a pena examinar.

O primeiro deles, um curto excerto, “E este rio contente-se por ora de se dizer dele em suma o que for possível neste capítulo, para com brevidade chegarmos a quem está esperando por toda a costa” (GSS, fôlio 39), ilustra o tipo de estrutura de que fazem uso os textos do século XVI. Por essa razão é muito importante compreender a questão da fidelidade entre as versões estudadas, para que se entenda esse tipo de estrutura demasiado distante do leitor moderno.

O segundo trecho é o seguinte:

Ao longo deste rio vivem agora alguns caetés, de uma banda, e da outra vivem Tupinambas; mais acima vivem Tapuyas de diferentes castas, Tupinaes, amoupiras, ubirajaras e amazonas; e além delas vive outro gentio, não tratado dos que comunicam

com os portugueses, que se atavia com joias de ouro, de que há certas informações. (GSS, fólhos 39-40)

É interessante notar a maneira como a tribo dos Tapuias foi subdividida: “mais acima vivem Tapuyas de diferentes castas”.

Aqui se configura mais um caso em que, por meio de uma adaptação lexical, se explica uma realidade distante e desconhecida a leitores que ignoram aquele determinado contexto.

O outro exemplo encontra-se no capítulo VI – “Em que se declara o clima da Bahia, como cruzam os ventos na sua costa e correm as águas nas monções”, também da segunda parte (*Memorial e Declaração*):

E há de se notar que nesta comarca da Bahia, em rompendo a luz da manhã, nasce com ela juntamente o sol... e em se recolhendo o sol à tarde, escurece juntamente o dia e cerra-se a noite logo; a que matemáticos dêem razões suficientes que satisfação a quem quiser saber este segredo, porque os mareantes e filósofos que a esta terra foram, nem outros homens de bom juízo não têm atinado até agora com a causa porque isso assim seja. (GSS, fólho 153)

Este se afigura como um emblemático trecho pois remete diretamente à profundidade e à relevância das questões que surgiram com os descobrimentos: surge um mundo verdadeiramente novo, com especificidades nunca antes imaginadas, com peculiaridades absolutamente desconhecidas, com verdades e características fora da esfera de quaisquer experiências jamais narradas, cujo relato de exploração só seria possível de se realizar, nos âmbitos filológico e linguístico, por meio dos americanismos léxicos e da adaptação lexical. Nesse caso, faz-se necessário entender que houve um grande estranhamento por parte do europeu ao chegar à América e se deparar com tamanha diferença existente, quando se tomam como ponto de partida outras cidades conquistadas. Contudo é necessário também manter no horizonte que, se por um lado havia tanta diferença na inexistente estrutura das também inexistentes cidades, por outro lado havia semelhanças inexplicáveis e fora de qualquer sentido, uma

vez que aquele ambiente se mostrava essencialmente diverso de tudo quanto conheciam e já haviam visto.

Outro caso interessante para análise se encontra no capítulo XLII – “Em que se declara que coisa é farinha-de-guerra, e como se faz da carimã e outras coisas”, da segunda parte (*Memorial e Declaração...*). O referido trecho chama bastante a atenção:

Desta farinha-de-guerra usam os portugueses que não têm roças, e os que estão fora delas na cidade, com que sustentam seus criados e escravos, e nos engenhos se provêm dela para sustentarem a gente em tempo de necessidade, e os navios que vêm do Brasil para estes reinos não tem outro remédio de malotagem...” (GSS, fólio 212)

Considerando as discussões sobre esse referido trecho, cito Azevedo (2007, p. 128): “Chama a atenção o fato de Gabriel Soares se posicionar em relação ao reino e não ao Brasil, o que pode ser indicativo da sua real localização, já que se encontrava na Península Ibérica quando transcreveu suas anotações”.

Pode-se inferir pelo cenário apresentado que haveria um primeiro original e depois uma segunda versão revista pelo próprio autor; considerando essa colocação como factual, o que chama realmente a atenção seria a real motivação para se reescrever e ou acrescentar alguns trechos ao texto original. De acordo com todas as informações colhidas durante o presente trabalho, é possível imaginar que tal necessidade haveria surgido pela situação política da corte ibérica na época.

Prosseguindo na reconstrução da trajetória editorial dessa obra, ainda que isso possa causar algum estranhamento, é necessário resgatar determinados aspectos aparentemente não relacionados entre si. Essa estratégia se mostrou adequada e eficiente pela ausência de informações sobre certos aspectos que levantei durante o trabalho desenvolvido e também a partir da leitura de alguns trabalhos de maior fôlego, ainda que não muitos sobre esse tema. O fato mais preocupante, do ponto de vista da pesquisa acadêmica, conforme citado anteriormente, é o lapso de tempo entre a produção do manuscrito e a publicação

póstuma associados à sua extensão. Outro fato que chama muito a atenção é que o nome de Gabriel Soares de Sousa não é correntemente citado como autor do *Notícia/ Tratado...* em linhas gerais na historiografia, antes a autoria é atribuída a Varnhagen. Uma exceção a isso pode-se constatar em Luciani (2010) e Azevedo (2007). De modo que a falta de determinadas informações mais precisas sobre o *Tratado...* e a troca de algumas palavras nas edições póstumas organizadas por Varnhagen, juntamente com a ausência da epístola que encabeça o *Tratado*, foram os elementos responsáveis por estabelecer os ditames para a reconstrução desse cenário, reconstrução que se mostra necessária por fornecer pistas para entender a reestruturação do texto como um todo.

Completando esse esquema interpretativo, conforme supracitado, há ainda a perspectiva de que a escolha lexical é, no mais das vezes, ideológica. No entanto também o é, ou pelo menos no limite não aleatória, a estruturação de um texto a ser publicado. É importante considerar os aspectos da publicação, ainda que o presente trabalho não se enquadre como uma edição crítica, pois entender a estruturação do texto pode sedimentar as bases para uma possível edição crítica futura. E esse manuscrito, em especial, apresenta uma relevância inquestionável justamente por ter sido escrito no século XVI – que é um século em que se conformavam as bases para a formação do Estado Moderno ao mesmo tempo em que a imprensa toma fôlego –, uma vez que surgiu por volta de 1450. Trocas culturais importantes responsáveis por moldar ideologias circulam como traduções, ao passo que informações cartográficas estratégicas são produzidas e controladas com claros objetivos militares-estratégicos. Não se pode esquecer que foi publicado no século XIX, que é o século voltado para a ciência, cuja produção científica publicada foi incipiente no século XVI, ocupando um papel marginal (BURKE; HSIA, 2009). No Brasil, especialmente o séc. XIX, que além de ter sido aquele século em que houve uma instrumentalização da ciência, foi um século em que se originou uma identidade nacional, em que se construiu uma memória para a nação brasileira,

inclusive, conforme supracitado, ocorre a formação de uma primeira elite intelectual no IHGB, com a participação do próprio Varnhagen, que teria sido, inclusive, um dos primeiros indigenistas do Brasil.

É preciso deixar claro que, no limite, destrinchar a produção editorial de uma determinada época, no tempo e no espaço, é recuperar, também, ideias e conceitos em evidência, identificar sua relevância nos planos econômico e ideológico, uma vez que existem custos e estratégias para a publicação aliados a um determinado contexto social e ideológico que comporta e absorve a produção e a circulação desses determinados conceitos e ideias.

Partindo da perspectiva de considerar essa pluralidade de aspectos, um dos propósitos deste trabalho é evidentemente localizar e entender de que forma sua concatenação foi responsável por engendrar a publicação póstuma e a não publicação no ano em que foi escrito. Para tanto, abaixo, com o respaldo da bibliografia adotada, traçam-se algumas linhas que têm por objetivo elucidar a própria trajetória em si.

De modo que, ao examinar todos os fatores citados anteriormente, o próprio século XVI se mostra um interessante ponto de partida para essa reflexão, reconhecido como o século da hegemonia espanhola. Sob a perspectiva política há um importante aspecto levantado por Perry Anderson (1985), que considera que as grandiosas operações militares e navais de Filipe II, compreendidas do canal da Mancha ao Egeu e de Túnis a Antuérpia, se realizaram em função da flexibilidade financeira sem precedentes propiciada pelo excedente da América. Faz-se necessário justapor a esta uma outra ideia muito importante contida em (BURKE; HSIA, 2009), que aponta o papel dominante e abrangente desempenhado gradualmente pela Espanha no século XVI em publicar e disseminar literatura devocional. Essas duas ideias justapõem aspectos muito importantes do século XVI, pois pode-se caracterizá-lo por uma constante guerra intercontinental na Europa. Isso quer dizer que o Império Habsburgo se moldou e agregou inúmeros territórios na Europa à custa de conquistas mediante a guerra, o conflito e o embate. Nesse contexto excessivamente bélico é importante considerar

que a mola propulsora dessa engrenagem também beligerante será a captação de riquezas e recursos, e nesse ponto entram os Grandes Descobrimentos tanto pelas riquezas que propiciavam quanto pela força de trabalho escravo mediante conversão que também propiciavam, tomando-se a América portuguesa como exemplo. De modo que é inquestionável que existisse uma ideologia catolicizante na Europa no século XVI e que o advento da imprensa ajudou a disseminar a ideologia transplantada na América pelos jesuítas.

Conclusão

Há uma peculiaridade sobre GSS: justamente por fazer parte da primeira escrita colonial e por produzir aquilo que se convencionou chamar de *crônica*, não se encontram citações ou menções de GSS sobre a formação do Brasil em textos publicados sobre o Brasil Colonial. Isso se explica talvez pelo fato de sua obra não ter surtido o efeito esperado à época e posteriormente por GSS ter morrido no anonimato, o que resultou por dissolver todo o trabalho por ele empreendido por tantos anos.

Aliada às perspectivas supracitadas é necessário, também, tomar como análise os séculos XVI e XIX – ainda que, numa primeira análise, aproximá-los possa soar um tanto quanto anacrônico – pois, ao tomar como ponto de partida os textos que compunham o *Tratado...*, fica evidente que sofreram alterações linguísticas relevantes, não passaram apenas por uma atualização ortográfica e, principalmente, porque serviram a propósitos diferentes em períodos igualmente diferentes: no século XVI, informar o rei; no XIX, construção de uma memória para o Brasil. Em ambos os séculos uma nova conformação geográfica e política se instaura: no XVI se inicia na Europa, já no XIX podem-se observar as bases dos tempos atuais. Essa análise permite elucidar, nos textos, algumas trocas de termos, assim como intervenções na formulação, entre outros aspectos, uma vez que é sabido existir um intenso diálogo entre o texto e o tempo-espaço em que foi concebido, assim como igualmente não se podem desprezar as veredas

ideológicas que permeiam e açambarcam os textos na época e na localidade em que foram construídos. Tudo isso ainda recebe o matiz das condições de publicação e circulação das ideias e do conteúdo do texto em questão.

Depois da entrega do *Notícia do Brasil* segue-se o *silêncio*. Dois séculos e meio depois, inúmeras cópias parciais e algumas integrais serão posteriormente estudadas por Varnhagen e, na atualidade, a riqueza e a importância da obra como um todo mostram ser uma fonte inesgotável para a pesquisa acadêmica, passível de ser investigada sob diversos vieses, de maneira que o trabalho não termina nesse momento e sim pretende se apoiar sob a tríade história-historiografia-filologia, com o intuito de obter cada vez mais clareza sobre o período em questão, bem como em que medida influencia os aspectos filológicos e linguísticos do texto.

Outra diferença também bastante relevante ocorre na grafia da quase totalidade das palavras. Ao estabelecer essas diferenças, é possível identificar com precisão em que medida as nuances semânticas das palavras, e de algumas formulações, foram reconstruídas e o que toda essa reestruturação ocasionou ao texto tomado como original, partindo sempre dos aspectos linguísticos e filológicos. A partir dessa comparação surgirá o glossário de variação de grafias que contribuirá com futuros projetos e evidenciará a crônica enquanto texto passível de consulta e leitura.

MIRANDA, Bruna Baldini de. The editorial path of Gabriel Soares de Sousa's work: linguistic and philological aspects. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 100-124, 2013.

ABSTRACT: *The starting point for this study was the observation of a rare and unusual editorial path of the publishing history of Gabriel Soares de Sousa's work, composed in the sixteenth century and printed only 250 years later. G. S. Sousa wrote two essays on the territory which he occupied as a settler in the Northeast region in Brazil: Roteiro Geral com Largas Informações de toda a Costa do Brasil and Memorial e Declaração das Grandezas da Bahia de Todos os Santos, de sua fertilidade, e das notáveis partes que tem. These manuscripts were presented in 1587 as a treatise entitled Notícia do Brasil. However, only in 1851 the text was printed*

in an edition commented and analyzed by F. A. Varnhagen, with the title Tratado Descritivo do Brasil de 1587. This article raises some hypotheses in order to explore some differences found in the texts as well as to point out some passages which are worthy of further analysis.

KEYWORDS: *Historical linguistics. Philology. Chronicle.*

Referências

ALGRANTI, Leila; MEGIANI, Ana Paula Torres. **O império por escrito**. São Paulo: Alameda, 2009.

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

AZEVEDO, Gabriela Soares de. **Leituras, notas, impressões e revelações do Tratado Descritivo do Brasil de 1587 de Gabriel Soares de Sousa**. 2007. Dissertação (Mestrado em História Política) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

BOXER, Charles R. **O império marítimo português**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008. 3ª reimpressão.

BURKE, Peter; HSIA, R.Po-chia (Org.). **A tradução cultural**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Linguística Histórica. In: PFEIFFER, Claudia Castellanos e NUNES, José Horta. **Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento**. Campinas: Pontes, 2006.

PIEL, Joseph-Maria. Origens e estruturação histórica do léxico português. In: _____. **Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa**. Lisboa: IN-CM, 1989. p. 9-16.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Edição comentada por Francisco Adolfo de Varnhagen. 4. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1971.

Corpora

SOUSA, Gabriel Soares de. **Roteiro geral das coisas do Brasil**. Manuscrito autógrafa, 1587. Acervo da BBM-USP. (em fase de catalogação).

VARNHAGEN, Francisco Adolpho. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Impresso, 1851. Acervo da BBM-USP. (em fase de catalogação).

LUCIANI, Fernanda Trindade. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Hedra, 2010.